MERCANTE, Marcelo S. 2012. *Imagens de Cura: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 322 pp.

Ana Gretel Echazú Böschemeier
PPGAS/UnB

O processo de reencantar

Desde a física quântica nas ciências exatas até as correntes da pós-modernidade nas ciências humanas, vem sendo largamente questionada a divisão entre sujeitos/objetos, corpo/alma, eu/x outrx[1] (Haraway, 1995) traçada pelo saber da modernidade. Em campos aparentemente tão dissímeis como a etnobotânica, a antropologia e a neurociência, a teorização sobre práticas psiconáuticas está contribuindo para o reencantamento desse espaço que foi rejeitado como inabordável ou mesmo inexistente pelo racionalismo científico: os dejetos da não ciência. No caso do Brasil, pesquisadorxs que se aproximam das matrizes religiosas *ayahuasqueiras* estão contribuindo vivamente para esse trabalho de "re-encantamento" do fazer e do pensar científico, refletindo sobre experiências advindas de realidades que foram convencionalmente tidas como "extra-ordinárias" (David & Goulet, 1994) pelxs agentes da ciência inscritos na modernidade.

O livro do antropólogo Marcelo Mercante, *Imagens de Cura: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha*, publicado em 2012, é uma contribuição para esse prolífico campo de discussão. Resultado da sua tese de doutorado apresentada na Saybrook Graduate School and Research Center (atual Saybrook University), nos Estados Unidos, o livro se apresenta como um texto amadurecido a partir da experiência de vários anos de participação na vida social e espiritual da corrente religiosa da *Barquinha*[2] – primeiro como antropólogo; depois como membro fardado da doutrina. O autor dá forma às suas hipóteses desde uma perspectiva bem informada a respeito de pesquisas transdisciplinares sobre estados modificados de consciência. O insumo etnográfico é profícuo: Mercante conta com uma delicada e viva imersão no Centro Espírita de Obras de Caridade Príncipe Espadarte, liderado por Francisca Pereira dos Santos e localizado no estado do Acre, Brasil.

Anuário Antropológico/2012-I, 2013: 269-273

Abrir/fechar

O texto se inicia com um prefácio de Jean Langdon, no qual a pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina nos introduz na proposta do livro com uma reflexão mais ampla sobre o crescente interesse da antropologia pelo xamanismo e os estados modificados da consciência a partir da década de 1960. Posteriormente, são apresentados uma breve nota do autor, nove capítulos e uma conclusão. No primeiro capítulo, titulado "Abrindo os trabalhos: a ayahuasca, o cérebro, a imaginação e o espírito", Mercante descreve sua particular abordagem das relações entre estes quatro conceitos, que são os que guiam os termos teóricos da sua pesquisa. Mergulhando na neurofisiologia dos efeitos *visionários* da ayahuasca, propõe algumas hipóteses sobre a maneira com que seriam geradas as imagens ao se ingerir ritualmente essa bebida, e desenha possibilidades de relação entre fatores de tipo biológico, psicológico e *espiritual* – sendo o espiritual uma variável com peso próprio, como veremos em seguida.

Já no segundo capítulo, chamado "Experiência e trabalho de campo", o autor desenvolve a noção de *observação experiencial* (:50), a partir da qual situa a sua etnografia. A prática etnográfica é lida dentro do contexto da experiência ritual destinada à comunicação entre sujeitos, assim como com o âmbito do divino. Essa escolha metodológica é, a meu ver, revolucionária. Na direção dessa intenção, o autor inscreve como depoimentos as falas advindas das entidades incorporadas. Eles não são atribuídos à pessoa que incorpora a entidade, mas sim à própria entidade, integrando as vozes de sujeitxs não humanxs em campo.

Contestando o argumento boasiano de que a cultura antecede à experiência, o autor afirma que "muito do que ocorre dentro da experiência não pode ser emoldurado pela cultura [...] e é precisamente durante esses momentos 'sem molduras' que a cultura é modificada" (:56). Para dar conta desta proposta, Mercante elabora seu livro como mais um *trabalho* que se abre e se fecha em comunicação com o espaço espiritual da doutrina da Barquinha. Citando um estudo de L. Peters (1981) sobre xamanismo em Nepal, ele afirma:

> [tal método] demanda uma combinação de talentos: o de acadêmico e o de discípulo [...] não é exclusivamente "êmico" ou "ético", mas sintetiza elementos de ambos [...] é sempre participativo e introspectivo, utilizando a experiência e a auto-observação do etnógrafo como ferramentas viáveis de pesquisa.

Com eixo na experiência intersubjetiva em campo, o estudioso propõe uma "conexão entre o mundo interno do pesquisador e [...] o mundo interno dos pesquisados" (:53). Nessa proposta, "o 'ponto de vista do nativo' é tomado tão

seriamente quanto possível" (:56), enquanto as narrativas construídas no texto são advindas da própria experiência de observação.

No terceiro capítulo, cujo título é "Acre e Barquinha: dados históricos, sociais e estruturais", o foco do estudo muda de uma ênfase conceitual e metodológica para variáveis de tipo histórico e sociológico. Aqui se contextualiza o surgimento da Barquinha dentro da *cultura religiosa* dxs imigrantes do nordeste brasileiro que foram ocupar as colocações fronteiriças no Acre e a *cultura da floresta*, vinculada aos indígenas da região. "O espaço espiritual" é o nome do quarto capítulo, definido por uma realidade que é, ao mesmo tempo, material e imaterial. O autor detalha o conceito:

> O espaço espiritual é um lugar original, imaterial e multidimensional, onde forças poderosas estão em jogo, gerando disposições, intenções e significados, assim como impressões sensoriais, emocionais e mentais; não é idêntico aos aspectos psicológicos ou físicos da existência, ainda que tanto o físico quanto o psicológico estejam imersos [lá] (:105).

Desta maneira, o espaço físico se apresenta como revelação de outro espaço que o origina, e cujas vivacidade, riqueza e complexidade podem ser apreendidas por meio da adesão gradativa às práticas rituais da doutrina. As entidades que circulam ali são descritas como "Seres Espirituais", nome do quinto capítulo deste livro. Na *cosmologia em construção* (Araújo *apud* Mercante, 2012:149) do centro, são reconhecidas três diferentes categorias de seres espirituais: *missionários* (de matriz cristã), *orixás* (de matriz africana) e *encantos* (de matriz ameríndia), todas três fundidas na Barquinha. "Cerimônias", o sexto capítulo do livro, está destinado a descrever as práticas musicais e as festividades da Barquinha. Aí se inscrevem os hinos trazidos pelas entidades espirituais responsáveis por determinado tipo de trabalho. "A música é o *axis mundi* do ritual", argumenta o autor (:182), pois ela é uma ferramenta privilegiada que possibilita a sintonização dos corpos no contexto da doutrina. Mercante também descreve os traços mais significativos de celebrações, tais como a *Doutrinação de Almas*, o *Batismo de Pagãos* e as *Romarias*.

No sétimo capítulo, titulado "As experiências de tratamento", o autor reflete sobre questões vinculadas a uma terapêutica ritual da ayahuasca. Assim, explora as narrativas de cinco pessoas que participaram de cerimônias de cura no centro. "A cura é um aspecto central dos rituais do centro" (:266), escreve Mercante. Todos os sábados e de forma mais enfática nos dias 27 de cada mês, nas cerimônias de *Prestação de Contas,* dedica-se um espaço a essas curas. Pessoas como

Maria, Lisa, Julio, Rudolf e Caroline vêm trazer diferentes vozes e interpretações dos seus próprios processos de adoecimento, cura e desenvolvimento espiritual nesse contexto. Mercante entende a cura de uma maneira ampla, relativa ao próprio processo de ingresso no mundo espiritual. Ela se apoia diretamente no fato de "conseguir abrir o coração dentro do mistério do tratamento" (:230). Aqui, as memórias do passado, os sonhos, as *mirações*, os *insights* advindos da prática ritual são incorporados à própria interpretação da vida e às decisões sobre a saúde física e anímica. A *entrega* aparece como um elemento essencial da autotransformação observável no relato destas pessoas. Nestas narrativas, o Daime (que é como é denominada a bebida ayahuasca na doutrina) aparece como o *verdadeiro terapeuta* (:272), revelador de verdades próprias do mundo do espírito.

No oitavo capítulo, "Imagens de cura", o autor mergulha em propostas fenomenológicas para explicar a potencialidade curativa das imagens. Assim, descreve a imaginação como uma "atividade espiritual com peso e volume no corpo" (:261), um veículo de expansão da "topografia arquetípica" da mente que está, novamente, "além da realidade cultural" (:261). A *miração* é o conceito nativo para explicar as visões experimentadas durante o processo ritual de ingestão da ayahuasca. Ela é definida no texto como uma forma de "pensar contemplativo" (:224) que, "por trabalhar com conteúdos advindos do inconsciente pessoal e coletivo, a imaginação arquetípica se move além da imaginação consciente" (:257).

O nono e último capítulo, "Miração, *consciência e cura*", é dedicado a mergulhar em diferentes compreensões sobre a consciência, advindas do campo da ciência ocidental e de escolas orientais de pensamento, destinadas à elucidação do processo de formação de imagens mentais e sua relação com a cura.

Implicações

A proposta de construção metodológica de relação entre afeto, campo e narrativa autoetnográfica que traz Mercante é especialmente interessante. No texto, isso toma a forma de um processo: ao longo do contato com a doutrina, o vínculo do antropólogo com ela se torna mais consciente e medular, delineando o posicionamento duplo do autor na sua etnografia: como *antropólogo* e, ao mesmo tempo, como membro *fardado* da doutrina.

Na minha compreensão, uma voz enraizada no interior destas práticas é muito bem-vinda por, pelo menos, dois motivos: em relação com o campo antropológico, ela materializa a produção de um conhecimento crítico e situado dos contextos de espiritualidade *ayahuasqueira* emergente, como é o caso da Barquinha. Por sua vez, em relação com a sociedade mais ampla, ela favorece a criação – impulsada e informada *desde dentro* – de estratégias de reivindicação

política e simbólica destas práticas no Brasil contemporâneo.

Imagens de cura... pode ser lido como uma crítica pontual da aproximação culturalista aos fenômenos religiosos e espirituais, aquela que os explica unicamente a partir do seu caráter sociocultural. Ao fazê-lo, aponta um caminho de novos desafios para xs pesquisadorxs que estão trabalhando nessas áreas, instando-xs a uma renovação da leitura e da escrita destes fenômenos, assim como a uma abordagem renovada e comprometida dos campos em questão.

Notas

1. Em relação aos marcadores de gênero com os quais foi elaborado o presente escrito, na maioria dos casos optei pela linguagem inclusiva. No caso de artigos, substantivos ou adjetivos que possam ser masculinos ou femininos, coloquei uma letra "x" na vogal diferenciadora correspondente.

2. Na definição do autor, Barquinha "é um sistema religioso sincrético baseado em um cristianismo fortemente devocional, com a adição de práticas mediúnicas" (:36). Fundada em 1945 no Acre pelo ex-marinho, barbeador e músico do Maranhão Daniel Pereira de Mattos (posteriormente Frei Daniel), traça a sua identidade a partir de práticas diversificadas nas quais orações, mirações e práticas mediúnicas se agrupam para constituir o cerne desta doutrina.

Referências bibliográficas

HARAWAY, Donna. 1995. *Simians, Cyborgs, Women. The reinvention of nature*. Londres: FAB.

YOUNG, David & GOULET, Jean-Guy (orgs.). 1994. *Being Changed by Cross-Cultural Encounters: The Anthropology of Extraordinary Experience*. Ontario: Broadview Press.